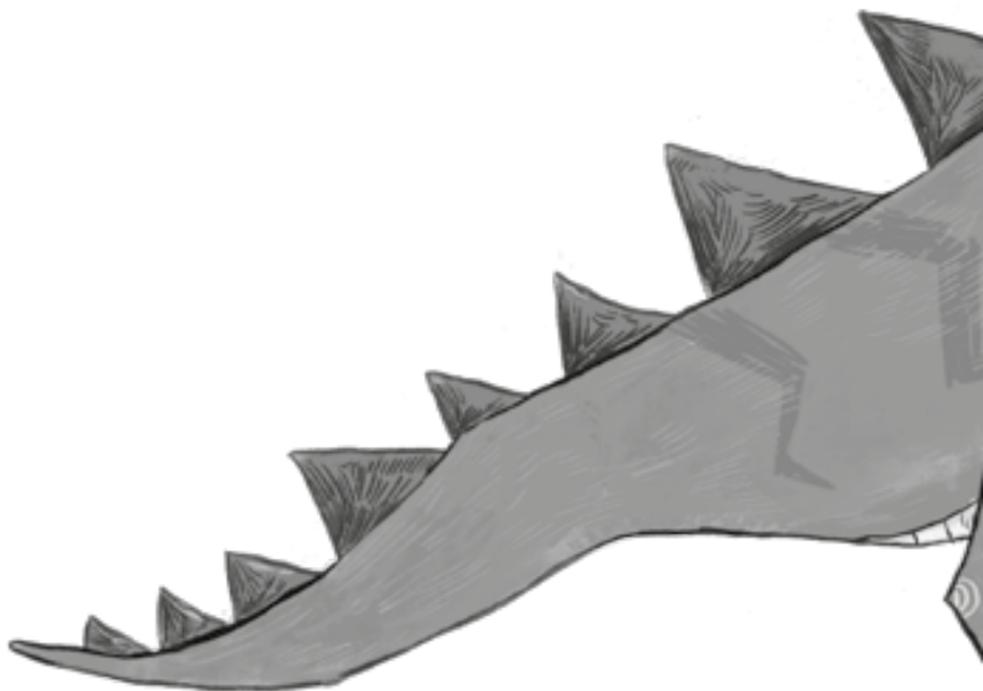




LIVROS DE SAM COPELAND

Charlie Transforma-se Numa Galinha







SAM COPELAND

CHARLIE

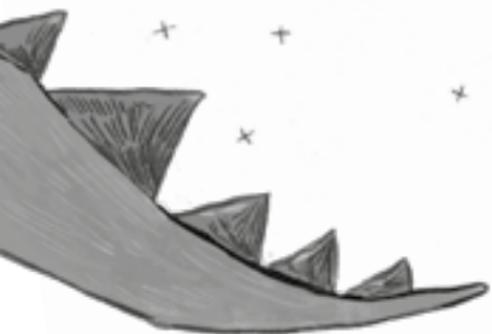
TRANSFORMA-SE
NUM

ILUSTRADO
POR
Sarah
HORNÉ



The background of the page is a light, off-white color, suggesting a night sky. Scattered throughout are small, dark grey symbols: some are simple plus signs (+) and others are small 'x' marks, representing stars. At the bottom of the page, there is a dark grey, jagged silhouette that resembles a mountain range or a forest of pointed trees. The overall style is simple and artistic.

Para a minha mulher Lynne, por me aturar infinitamente.
Para os meus filhos, Caoimhe, Conor e Sadie,
por me fazerem aturá-los infinitamente.



Livros Puffin

80 Strand

Londres

Caros leitores,

Talvez se lembrem que, no final do «livro» anterior, *CHARLIE TRANSFORMA-SE NUMA GALINHA*, recomendámos que nunca mais lessem nada assinado pelo pretenso autor Sam Copeland. Alertámos para o facto de o «autor» ser um mentiroso sem honra e um escritor de pouco talento.

E, no entanto, aqui estamos nós.

Apesar dos nossos avisos urgentes, eis-vos desse lado, com este novo livro nas mãos. Até já o começaram a ler. Não tentem negá-lo. Estão a ler esta frase. E esta. Porque é que não estão a parar? **PAREM JÁ DE LER, IMEDIATAMENTE.**

Porque haveriam de ignorar um aviso tão claro? Se calhar são daquelas pessoas que estendem a mão por cima de uma chama para ter a certeza de que é mesmo quente, ou que apanham um cocó de coelho e o põem na boca e começam

a mastigar porque vos parece mesmo uma passa, embora tenham ACABADO de vos dizer, «Não ponhas isso na boca; é um cocó de coelho». Isso talvez ajude a explicar o vosso comportamento.

Bem, vamos tentar mais uma vez ser o mais claros possível: este próximo «livro» não é melhor do que o primeiro. Aliás, provavelmente, é pior ainda. Muito pior. Mas também, como já vimos, obviamente, vocês não são de ligar aos avisos.

Talvez também se lembrem que prometemos nunca mais publicar nenhum livro escrito pelo Sam Copeland. Infelizmente, uma quantidade avassaladora de advogados avisou-nos de que somos legalmente obrigados a publicar isto. Ou seja, por lei, TEMOS de o fazer. Já vocês não TINHAM de ler este livro. Decidiram fazê-lo. Não têm qualquer desculpa.

Se por acaso estiverem com este livro na mão numa livraria ou numa biblioteca, simplesmente pousem-no e afastem-se. Aconselhamos-vos vivamente a escolher outra coisa mais salutar e educativa para ler.

E caso seja demasiado tarde e estiverem sentadinhos em casa, talvez enroscados em frente de uma lareira ou confortavelmente deitados na cama, e tenham acabado de se instalar para ler este livro, só nos resta dizer uma coisa:

Esperamos que detestem ler este livro tanto como nós detestámos publicá-lo.

Os vossos
Editores



The title 'CAPÍTULO 1' is centered on the page. It is surrounded by several stylized, detailed drawings of leaves. Some leaves are positioned above the title, while others are to the left and right, creating a decorative frame. The leaves have visible veins and are rendered in a light gray tone.

CAPÍTULO 1

O Charlie Chamariz estava a ser seguido. Uma sombra malévola observava-o. À espreita.

Alguma coisa — ou alguém — andava a segui-lo pelos corredores da escola. Uma presença sombria, ameaçadora, invisível e misteriosa...

— Ouve lá, Dylan, já percebi que és tu que me estás a seguir. Estou a ver-te perfeitamente — disse o Charlie, com as mãos nas ancas. — Será que podes parar? É que ficas com um ar um bocado ridículo. A sério, Dylan, sai lá de trás desse pilar.

O Dylan saiu de trás do pilar.

— E tira esse chapéu ridículo da cabeça — acrescentou o Charlie.

O Dylan tirou o chapéu ridículo da cabeça, um chapéu de verão de abas largas que tinha tirado do armário da mãe.

— E esses óculos de sol. Também os podias tirar.

O Dylan tirou os óculos de sol.

— Agora, *por favor*, para de andar atrás de mim.

O Dylan deu um passo em frente, com o peito inchado.

— Sabes, Chamariz, podes fugir, mas não te podes esconder. Não. Te. Podes. Esconder. — O Charlie viu um sorriso asqueroso a deslizar pela cara do Dylan, como o rasto de uma lesma. — Eu sou a tua sombra. As trevas da tua luz. Onde quer que tu vás, eu vou lá estar. Atrás de ti. Pronto a atacar... como um... sapo.

— Um sapo? Os sapos não atacam ninguém.

— Atacam, sim. Atacam as moscas. E tu és a minha mosca. Estás preso na minha teia.

— A tua... teia de sapo? — disse o Charlie, com um ar um pouco baralhado.

— Achas que és tão esperto, Chamariz, não achas? Olha, mas não és. Os teus amiguinhos idiotas até podem achar que és genial...

— Por acaso, não. Aliás, tenho quase a certeza de que a Flora acha o contrário. Até me disse isso

ontem. Disse: «Charlie, tu és exatamente o oposto de genial.»

— Já chega! — O Dylan levantou a mão. — Ficas a saber que te vou apanhar. — O Dylan abriu a mão. Lá dentro estava uma caixa de fósforos. Abanou-a. Estava vazia. — Vou esperar até te transformares num animal. E, depois, vou prender-te. E nessa altura, não vais estar a rir-te. Ou, se estiveres, ninguém te vai ouvir. Porque vais estar preso numa caixa de fósforos!

O Dylan começou a rir e depois afastou-se, ainda a rir às gargalhadas tresloucadas, e deixou o Charlie sozinho no corredor vazio.

Não havia nada a fazer — o Dylan estava a começar a afetá-lo. O Charlie sentiu os níveis de ansiedade a subir, e pequenos arrepios de eletricidade a atravessar-lhe o corpo. Era o primeiro sinal



de que o Charlie estava prestes a mudar. Fechou os olhos e respirou fundo, concentrando-se na própria respiração. Depois, abriu muito os olhos.

— Ei, Dylan! — gritou o Charlie na direção da figura pequenina ao fundo do corredor gigante. — Dylan, anda cá! Acho que me estou a transformar! Rápido!

O Dylan deu meia-volta e começou a correr tão depressa quanto conseguia.

— Rápido, Dylan! Está a acontecer!

O Dylan acelerou ao máximo. Chegou ao pé do Charlie a arfar.

— Ai, desculpa — disse o Charlie. — Falso alarme.

O Dylan lançou-lhe um esgar furioso.

— O QUÊ?

— Desculpa lá! — disse o Charlie, com um sorriso de orelha a orelha. — Ia jurar que tinha mesmo começado a sentir qualquer coisa. Mas, sabes, esta coisa da transformação não é uma ciência exata. Se calhar para a próxima tens mais sorte. Só que não vai haver próxima. Por isso, escusas de perder mais tempo. É que agora já sei como é que isto

se controla, percebes, por isso posso garantir a cem por cento que o Charlie nunca mais se vai transformar em *coisa nenhuma*.

O Charlie piscou o olho ao Dylan e depois afastou-se, a rir às gargalhadas tresloucadas, deixando o Dylan sozinho no corredor vazio.



NOTA DO AUTOR

Caso não tenham lido o Livro 1 desta série, *Charlie Transforma-se Numa Galinha*, devem estar a ficar um bocado confusos com tudo o que está a acontecer.

Bem, azar o vosso.

Deviam ter comprado o Livro 1.

Vêm para aqui a pensar, *Eu cá não preciso de ler o Livro 1. Sou tão inteligente que tenho a certezinha de que vou perceber o que se passa enquanto leio.*

Então e AGORA, quem é que está a fazer figuras tristes? Não fazem a mínima ideia do que se está a passar, pois não? Não sabem quem é o Charlie, nem quem é o Dylan, nem porque é que o Dylan quer prender o Charlie numa caixa de fósforos. Tudo quanto vos posso dizer é: boa sorte a tentar perceber o resto do livro, otários.



NOTA DO AUTOR II

Os editores informaram-me de que, pelos vistos, não me é permitido referir-me aos meus «estimados leitores» como «otários». Nesse sentido, disseram-me que vos devia pedir desculpa. Por isso, aqui vai:

Lamento imenso, a sério.¹

Espero que estejam muito satisfeitos.²

Também me disseram que vos devia explicar rapidamente o que se passou no Livro 1. Por isso, para aqueles que são demasiados preguiçosos para o ir requisitar à biblioteca, aqui vai:

O Charlie Chamariz passa a vida a transformar-se nos mais variados animais. Com a ajuda dos seus melhores amigos, a Flora, o Mohsen e o Wogan, descobre que essas transformações acontecem quando está a sentir-se ansioso ou triste. Juntos,

¹ Não lamento absolutamente nada. Menti. Otários.

² Não, não espero.

chegam à conclusão de que o Charlie consegue controlar essas mudanças (mais ou menos) se se descontrair e estiver bem-disposto. Para além disso, o arqui-inimigo do Charlie, o Dylan, que acabaram de conhecer, viu o Charlie a transformar-se e basicamente ficou maluco e transformou-se numa espécie de vilão de filme, e está decidido a revelar o segredo do Charlie ao mundo inteiro.

E pronto, agora que já estão a par de tudo, podemos continuar com a nossa história? Ótimo.





CAPÍTULO 1

(CONTINUAÇÃO)

— Uau! Achas mesmo que tens essa cena-de-te-transformares-em-animais sob controlo? — perguntou o Mohsen.

— Acho mesmo. Tenho a certeza — respondeu o Charlie.

Estavam no intervalo, mas ele, a Flora e o Mohsen estavam sentados dentro de uma sala de aulas barulhenta, enquanto a chuva fria ia batendo insistentemente contra os vidros das janelas. O primeiro período estava a chegar ao fim e já estava toda a gente com a cabeça no Natal. A turma deles tinha passado a manhã a fazer correntes de papel, que agora estavam penduradas por toda a sala.

O Wogan estava do outro lado da sala, a falar com a miúda nova, a Daisy. A Daisy tinha os cabelos castanhos, compridos e encaracolados, e adorava unicórnios mais do que qualquer outra coisa. Isso e pónéis. Mas sobretudo unicórnios. O Wogan tinha passado os dois dias anteriores a dizer, a quem tivesse paciência para o ouvir, que *não* achava a Daisy nada bonita e que, aliás, *sempre* tinha achado que os unicórnios eram «fixes».

— Tens mesmo a certeza? — disse a Flora ao Charlie, lançando-lhe um olhar desconfiado.

— Sim! Certezinha absoluta. A sério! Já vos disse. No corredor, agora mesmo, o Dylan tentou convencer-me a transformar-me, mas eu travei o processo. Por isso, agora, tenho cem por cento de certeza de que tenho a cena-de-me-transformar-em-animais sob controlo. Posso-vos garantir.

O Charlie não podia garantir tal coisa, de maneira nenhuma.



Aliás, o Charlie, no fundo, não tinha assim tanta certeza de ter a cena-de-se-transformar-em-animais sob controlo. Mas queria mostrar-se corajoso perante a Flora, que tinha conseguido tornar-se cerca de seis por cento mais incrível desde o Livro 1, depois de vencer a Batalha Regional de *Rap* Intercolas com um *rap* chamado «'Bora, Flora».

— Charlie, sabes que não tens de te fazer de forte à minha frente, não sabes? Podes dizer-me a verdade — disse a Flora, pondo uma mão no ombro do Charlie.

— Queres parar de pôr essa coisa em cima de mim? — disse o Charlie, atirando a mão de plástico falsa do ombro. — A sério, é só esquisito.

O Charlie soltou um suspiro exasperado.

O Wogan aproximou-se do grupo.

— Ei, Charlie — disse ele —, tens-te transformado em animais, ultimamente?

— NÃO! NÃO TENHO! ESTÁ TUDO SOB CONTROLO, OK? — respondeu o Charlie, irritado.

O Mohsen e o Wogan afastaram-se do Charlie.

— Está... bem — disse o Wogan, e pôs as mãos no ar. — Isso é ótimo. Ainda bem para ti.



— Malta! — sussurrou a Flora. — Falem mais baixo! Não queremos que toda a gente nos ouça.

— Realmente, é uma coisa extraordinária — disse o Mohsen, num sussurro —, que tu, um rapaz de apenas nove anos, tenhas conseguido com tanta facilidade dominar o teu poder misterioso e extraordinário, nunca antes visto à face da Terra.

O Charlie franziu o sobrolho.